

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo

I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo

Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo

15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

“Consumos e Produções Culturais: Contributo para a Avaliação da Gestão de Identidades entre Jovens Adultos Migrantes Portugueses em Amesterdão”¹

Vanessa Cantinho de Jesus²

Resumo

Este trabalho pretende discutir algumas das propostas teóricas mais recentes da Antropologia do Consumo e Cultura Material, nomeadamente as de Miller *et al.* (2009), a partir de alguns exemplos etnográficos retirados da investigação em curso entre jovens portugueses residentes em Amesterdão. Embora esta se encontre numa fase ainda inicial, os dados até aqui recolhidos parecem apontar para a existência de um fluxo original que se destaca em relação aos padrões migratórios anteriores. Enquanto estes eram determinados maioritariamente por condicionantes de natureza económica, hoje assiste-se a um movimento paralelo caracterizado por simbologias sociais que tendem a privilegiar motivos mais ligados à realização pessoal e à procura de vivências originais e diversas.

Os jovens adultos que o protagonizam tendem a escolher o seu destino a partir de cosmologias ligadas a determinadas culturas de consumo e orientam as suas experiências e o seu discurso de acordo com uma identidade cosmopolita. A partir da análise das relações de alguns destes jovens com o mundo material, ao nível do consumo e das produções

¹ Este paper constitui um draft a partir de ideias retiradas de uma investigação em curso, não devendo ser utilizado para fins de publicação.

² Mestrando em Migrações, Transnacionalismo e Diversidade Intercultural pela FCSH-Universidade Nova de Lisboa.
vanessacantinhojesus@hotmail.com

culturais, pretendemos tentar perceber de que forma tais relações contribuem para o entendimento das avaliações e lógicas de gestão das pertenças e referências dos mesmos.

Palavras-chave: Migração, Cultura Material, Identidade.

Introdução

Esta comunicação parte de uma investigação em curso em Amesterdão, junto de jovens adultos portugueses actualmente residindo nesta cidade. A ideia de a realizar, com o objectivo de completar o grau de mestre em Migrações, Transnacionalismo e Diversidade Intercultural, partiu da minha percepção da existência de um fluxo migratório com características originais e que se destacava em relação aos fluxos clássicos das migrações portuguesas. À medida que fui assistindo à saída de muitos dos meus amigos e conhecidos para diversas cidades europeias foi crescendo em mim a curiosidade sobre os motivos e expectativas que os levariam a procurar novas experiências de vida nestes locais. Embora os factores de natureza económica parecessem ter seu peso nas suas decisões, eu sentia existir algo mais para além disso.

Em primeiro lugar estes jovens tinham uma situação económica razoável em Portugal, pertencendo à categoria geral das classes médias, tendo já alcançado na sua maioria uma posição de relativa independência em relação aos seus pais; em segundo lugar o projecto de migração era frequentemente acompanhado por um discurso de valorização positiva dos locais eleitos que eu sentia ter contrapartidas importantes ao nível da identidade destes sujeitos, na medida em que viver em cidades como Londres, Barcelona ou Berlim significa estar no centro da produção cultural europeia, experienciar diferentes culturas, ter acesso a um estilo de vida moderno e cosmopolita.

Para além desta curiosidade, este contexto apresentava-se como particularmente interessante para aprofundar os meus interesses no campo da antropologia do consumo e cultura material uma vez que alguns dos imaginários produzidos pelos relatos de experiências nestas cidades pareciam estar ligados a determinadas culturas de consumo ou “cenas” (Straw, 1991) específicas. Assim, partindo de um quadro teórico que toma a construção da identidade como processo dinâmico, contextualmente reconfigurável, e em

que a materialidade e cultura expressiva são entendidas como recursos para a mesma, propus-me entender de que forma alguns destes jovens gerem e avaliam as suas pertenças e qual o papel dos consumos e produções culturais na construção de si.

Começarei então por discutir alguns dos pressupostos teóricos que têm orientado a investigação e em seguida darei alguns exemplos da etnografia até agora recolhida tentando demonstrar a pertinência que determinados objectos, práticas de consumo e expressividades assumem na análise da experiência migratória dos sujeitos retratados.

Considerações teóricas

Autores como Bauman (1996), Hall (1990) e Gilroy (1993) protagonizaram, a partir da década de 90 do século passado, uma viragem nas abordagens antropológicas e dos *cultural studies* ao conceito de identidade. Até aqui a equação entre cultura e território era realizada de acordo com um paradigma que privilegiava a fixidez, em que cada comunidade era pensada através das suas particularidades e associada a um território específico com fronteiras determinadas. De acordo com esta perspectiva o contacto entre diferentes identidades/culturas³/localidades ficaria subordinado aos limites de cada uma destas, podendo apenas produzir ameaça à sua suposta coerência interna, desencontro, choque ou imposição de umas sobre outras. O que estes autores mostraram, a partir de diversos contextos e utilizando diferentes metodologias, foi que os indivíduos têm poder de actuar sobre e de (re)construir a sua identidade cultural, constituindo-se enquanto produtores de significantes e reconfiguradores de significados. As contribuições de Bauman são especialmente importantes no que diz respeito ao carácter posicional e contextual da identidade. Hall e Gilroy chamam a atenção para a forma como esta é, no entanto, sempre construída de acordo com determinadas reivindicações que problematizam as pertenças e relações de poder entre os indivíduos.

É importante sublinhar que defender este entendimento da identidade cultural não é o mesmo que dizer que as fronteiras não existem, pelo contrário, muitas vezes a manutenção das mesmas depende da interacção social realizada através destas, podendo as diferenças culturais persistir apesar do contacto e, por vezes, interdependência entre grupos (Barth,

³ Concordamos com Verschueren em relação à necessidade de alguma prudência na utilização do plural de cultura, uma vez que “ Though *culture* is a universal human phenomenon... cultures do not exist in any real sense of ‘existence’ ” (Verschueren, 2001: 40 citado em Grillo, 2003:160).

1969: 9, 10). Esta chamada de atenção tem pertinência no sentido em que consideramos fundamental que a antropologia se mantenha atenta às dinâmicas de poder e aos limites da agêncialidade de forma a evitar cair no paradigma oposto: o de que os constantes fluxos (de pessoas, objectos e ideias) em palco no mundo moderno estão ao alcance de todos e são por todos apropriáveis de igual forma. É preciso contextualizar e discernir as especificidades de cada caso ao nível do poder relativo que os capitais culturais, sociais, económicos disponíveis conferem aos indivíduos.

A viragem, na teorização antropológica, para uma perspectiva mais processual da cultura está intimamente ligada a este reconhecimento dos indivíduos enquanto agentes dessa cultura, produtores de significantes e reconfiguradores de significados. Para esta terá contribuído também a inovação tecnológica dos meios de comunicação, que aliada ao alargamento do sistema político e económico liberal resultou num aumento da mobilidade global, bem como a alteração dos padrões da família e a individualização do sujeito. A conjugação de tais factores traz possibilidades ao nível da imaginação que multiplicam as capacidades de reconfiguração da experiência (projectada e vivida) do cidadão contemporâneo (Appadurai, 1996; Berger, 1984 citado em Rapport e Dawson, 1998). Appadurai encontra especial relevância no papel da imaginação no que diz respeito à capacidade que os indivíduos hoje têm de projectar as suas vidas para além do que lhes é culturalmente familiar e geograficamente próximo. O papel dos média de massa na transmissão de imagens de mundos distantes, mas também o do contacto com a experiência de outros que tenham vindo a habitar esses mundos, contribuíram para a transformação do papel da imaginação tornando-se esta uma prática social quotidiana. A partir do conceito de “ethnoscape” o autor tenta encontrar um campo conceptual que permita dar conta destas transformações sociais, territoriais e da reprodução cultural dos diferentes grupos em trânsito no mundo contemporâneo. Na medida em que estes não constituem mais conjuntos culturalmente homogêneos, inscritos em territórios específicos e definidos por fronteiras espaciais fixas, as suas identidades, ou nas palavras do autor, as paisagens da sua identidade – as ethnoscares – tornaram-se profundamente interactivas alterando as bases da reprodução cultural. Embora isto não signifique que o mundo se tenha tornado melhor, e que mais pessoas tenham reais oportunidades de melhorar as suas vidas, é certo que aumentaram o número destas que pelo menos podem imaginar uma construção alternativa da sua biografia (Appadurai, 1996).

Os centros urbanos aparecem como um dos locais privilegiados enquanto produtores de imagens sobre estilos de vida modernos, constituindo-se como locais apelativos para o ganho de capital simbólico associado à capacidade de aceder aos mesmos. Como chama a atenção Chatterton e Hollands (2002) referindo-se ao contexto britânico, nas últimas décadas tem-se assistido a uma transformação da ideia da cidade no sentido de uma nova valorização das mesmas enquanto centros de entretenimento, onde se torna apetecível viver e trabalhar. Na sua opinião esta transformação torna-se muito importante para o entendimento das mudanças culturais na vida das populações mais jovens. Ligadas a estas mudanças estão também as alterações ao nível das relações familiares tradicionais, nomeadamente o enfraquecimento dos ideais de constituição de família entre os jovens adultos e o alargamento do período de dependência dos pais, e dos limites da fase da juventude evidenciados em termos como “pós-adolescência” ou “juventude intermédia” (Chatterton e Hollands, 2002: 97, a partir de Irwin, 1995). Tais condicionantes permitem que determinados aspectos como o consumo, o lazer e a cultura popular se tornem centrais na constituição da identidade destes jovens:

“These young urban service workers, knowledge professionals and cultural intermediaries—the denizens of the reimagined urban landscape (Lash and Urry, 1987; Featherstone, 1991)—are often heralded as the saviours of the city’s new night-time and cultural economy. As well as accumulating economic capital, they also seek symbolic capital and status through consumption, and hence are implicated in a virtuous cycle of growth. Numerous studies have examined these new class factions in urban contexts (Bourdieu, 1984; Featherstone, 1991; Savage, 1995; Wynne and O’Connor, 1998) and have suggested that they have stimulated an explosion of cultural goods and services and have increased the range of young adult identities and lifestyles.” (Chatterton e Hollands, 2002: 98)

Um pouco à imagem das “ethnoscapes” de Appadurai, Chatterton propõe o conceito de “urban playscapes” de forma a chamar a atenção para dois níveis de entendimento desta relação entre a cidade e juventude:

“First, they can be understood through an integrated ‘circuit of culture’ (du Gay *et al.*, 1997) comprising production, regulation and consumption. In this sense, while particular

cultural meanings and practices are manufactured and circulated within nightlife venues by a combination of local, national and multinational operators, and regulated by various legislative frameworks and formal and informal mechanisms, it is also necessary to explore the lived consumer experience and the role young people play in shaping such spaces. Secondly, city-centre urban playscapes can be understood as a mixture of mainstream, residual and alternative nightlife spaces.” (Chatterton e Hollands, 2002: 99)

Outro autor cujas contribuições nos parecem úteis para esta discussão é Straw (1991) e o seu conceito de “cena”. Embora originalmente este tenha sido aplicado pelo autor ao campo da música, parece-nos particularmente pertinente na análise das expressividades culturais e culturas de consumo contemporâneas, na medida em que se apoia numa noção desterritorializada de cultura. Uma “cena” musical caracteriza-se por não estar enraizada numa tradição histórica ou localização geográfica específica, pelo contrário, ela um espaço cultural no qual uma série de práticas musicais coexistem, em interacção dentro de uma variedade de processos de diferenciação e de acordo com trajectórias variadas de mudança e mútua influência (Straw, 1991). Ainda assim, o autor chama a atenção como a ausência de inscrição geográfica não diminui as potencialidades de constituição de uma identidade em torno da sua prática:

“The cosmopolitan character of certain kinds of musical activity – their attentiveness to change occurring elsewhere – may endow them with a unity of purpose and sense of participating in ‘affective alliances’ (Grossberg, 1984) just as powerful as those normally observed within practices which appear to be more organically grounded in local circumstances.” (Straw, 1991: 94).

Outro conjunto de autores, como Douglas e Isherwood (1979) defendem que os bens de consumo são, em última instância, comunicadores de categorias culturais e valores sociais. Estes tornam tangíveis categorias da cultura, sendo necessários para tornar visíveis e estáveis tais categorias. As escolhas de consumo reflectem, segundo os autores, julgamentos morais e de valor da sociedade em que são produzidas. Appadurai (1986) segue nesta linha mostrando como os objectos de consumo têm “vidas sociais”, no sentido em que estão imbuídos de valor construído pelo seu percurso, ou vida, através das significações que

a sociedade, e nela os indivíduos, lhes vai imputando. Ao longo deste percurso o seu valor pode ser alterado e seus significados transformados, servindo estes para comunicar mensagens complexas e contextualizadas, que são culturalmente construídas pelo sistema social que as produz, e que servem para os indivíduos dizerem coisas acerca de si mesmos. Antes deste, e de um ponto de vista mais estruturalista, já Bourdieu (1979) tinha problematizado esta questão, mostrando como as escolhas estéticas estão relacionadas com aquilo a que chama *habitus* e que reflecte os capitais culturais que os diferentes actores sociais possuem. Na teoria deste autor tais capitais limitam, no entanto, a forma como os indivíduos podem utilizar os objectos, sobrepondo-se assim a estrutura à agência individual.

Miller (1987) desconstrói de certa forma esta visão rígida mostrando, a partir das suas várias etnografias acerca da cultura material e da forma como as pessoas agem activamente sobre esta, como os capitais culturais não são estruturantes da relação que estas desenvolvem com os objectos. Para além disto este autor mostra como o consumo ceve ser encarado como um processo, no qual os indivíduos têm um papel enquanto produtores, não devendo estas duas esferas ser tomadas como momentos separados e os objectos de consumo enquanto alienações exteriores aos indivíduos. Nas palavras de Sassatelli sobre o trabalho do autor:

“He stresses that material culture cannot be intended as a collection of objects to be judged as good and authentic or bad and false, as the Frankfurt School would have it. Material culture is instead a *process* which implies – in terms that Miller draws from Hegel’s notion of objectification – a ‘dual’ movement of externalization first, followed by internalization. Objects are not quite culture until they have been both produced and consumed, both placed outside subjects by production and internalized by subjects in their use and consumption.” (Sassatelli, 2007: 104)

Nas suas publicações mais recentes (Miller, 2008; Miller et al, 2009) o autor consegue, a partir desta perspectiva, fazer a reconciliação antropológica entre uma análise social mais estruturalista, ao estilo de Bourdieu e que tende a perspectivar o indivíduo de uma forma holista de acordo com uma cosmologia geral, presente na estrutura social em que este se insere e evidente nas formas de parentesco, troca e ordem económica, como nas suas crenças e religiões; com a análise pós-estruturalista que tende a encarar as pessoas como

conjuntos dos fragmentos resultantes do estilhaçamento das culturas tradicionais e da dissonância contemporânea entre território, pertencas e identidade. Apoiando-se nos dados etnográficos das suas investigações, mas também dos seus colaboradores e alunos, mostra como os indivíduos que levam a cabo os seus quotidianos no mundo actual continuam a organizá-los evocando ordens e holismos para construir uma coerência interna e uma visão do mundo. No entanto esta não aparece necessariamente ligada a estruturas macrosociais como a nação, mas torna-se evidente numa série de relações entre diferentes géneros de coisas:

“Both material genres such as music, ornaments, clothing, cooking and photography, and also social genres such as parent-child relations, couple formation and break up, individual’s relation to work or pets. The term ‘aesthetic’ emerged as a shorthand for describing this internal consistency and order. It had no pretension to any art terminology or judgement of beauty per se. But it did imply that there were issues of harmony, balance and contrast in this order.” (Miller *et al*, 2009: 7)

A partir deste conceito de “estética” o autor constrói uma forma de analisar as histórias individuais, que lhe permite perceber um padrão nas relações dos sujeitos que espelha a ordem cultural pela qual estes se orientam. Esta ordem não se limita apenas, chama a atenção, às relações com a cultura material convencional mas também às relações com o lugar, as pessoas, o Estado e o discurso, pois estas são mecanismos que produzem alinhamento entre a ordem discernida ao nível individual e a ordem discernida ao nível da sociedade. Desta forma os dois níveis de análise tornam-se apreensíveis ao invés de serem tomados como contraditórios:

“This allows us to discern a relationship between the individual and society that does not rest on an opposition between the two, or on being seen as mere microcosm of the macrocosm. Rather we see that individuals themselves represent a form of order in the world, and this emerges out of a creative and partial appropriation of the possibilities in the wider order around them.” (Miller *et al*, 2009: 13)

Retratos etnográficos

José vive em Amesterdão há um ano e meio e desde então não retornou a Portugal. Se a agenda e a carteira permitissem garante que a próxima viagem seria a Berlim, de forma a poder finalmente conhecer a actual capital da musica electrónica europeia. Por enquanto contenta-se em encomendar discos dos seus artistas preferidos através da internet e a passar os seus tempos livres a praticar a arte de os tocar. Até agora não se tem saído mal, já conseguiu uma oportunidade de tocar num dos clubes do centro de Amesterdão e o “networking” que tem realizado entre os seus colegas do curso de engenharia de som e entre diversas pessoas que tem conhecido na “noite” de Amesterdão valem-lhe a esperança de sucesso nesta área. Este rapaz de 31 anos mudou-se para Amesterdão com o intuito de realizar o dito curso numa escola de renome internacional na área. Em Lisboa, onde vivia anteriormente, sentia que o primeiro grau de técnico de som que ali tinha obtido não era suficiente para chegar onde queria:

“O mercado em Portugal não é muito grande e se não és bom não vais a lado nenhum. Para além disso, há aquela mania portuguesa de dar mais valor a alguém só porque estudou lá fora, que pela minha experiência até acaba por ser verdade. Nunca em portugal tive aulas tão boas como as que estou a ter aqui. Para mim voltar com um diploma da SAE é uma mais valia.” (Excerto de entrevista)

O seu dia a dia é descrito como uma luta constante para conseguir acabar o curso. Os pagamentos mensais para a escola são elevados e o dinheiro que recebe entre um part time na recepção de um hotel, outro num call center e um terceiro numa empresa de realização de eventos fica aquém daquilo que gostaria de ter para os seus gastos pessoais. Ainda assim não se inibe de, frequentemente, encomendar discos de vinil para aumentar a sua, já considerável, colecção. Um dos seus hobbies favoritos é tocá-los, tentando desenvolver a arte do deejaying e quem sabe um dia poder tocar de forma mais profissional:

“Eu faço isto mesmo por gosto, mas é claro que não me importava de ganhar algum dinheiro com isso. Nem que seja só para poder comprar mais discos! É um vício, cada vez que ouço uma nova música que gosto vou logo ver se está editada em vynil e se não posso

encomendar logo, anoto na minha lista dos próximos a ter. Até chego a racionar mais os gastos com comida durante o mês só para poder comprar mais um!” (Excerto de entrevista)

No seu estúdio, como lhe chama (e que se encontra num dos cantos da sala que partilha com os amigos com quem divide casa), para além de todos os discos organizados por estilos e datas de aquisição em diversas prateleiras tem disposta uma série de equipamentos electrónicos que lhe permitem treinar aquilo que aprende na escola. A escolha da qualidade, marcas e modelos destes objectos obedece a um sistema de classificação que os hierarquiza de entre os disponíveis no mercado e José passa grande parte do seu tempo a fazer o reconhecimento deste sistema e a discutir as especificidades e preços com os seus amigos/colegas ou em fóruns especiais na internet. As justificações que apresenta para ter escolhido comprar, por exemplo, dois computadores Mac e ter deixado de trabalhar com PC; ou ter recentemente gasto todas as suas economias num sintetizador analógico vintage são primeiramente técnicas mas deixam transparecer, parece-nos, cargas simbólicas associadas a estes objectos que participam na construção de discursos e práticas com os quais este se procura identificar. Isto parece ainda mais evidente na medida em que este tipo de aquisições é partilhada entre os seus contactos, com a publicação da fotografia do sintetizador vintage e uma troca de comentários sobre a mesma:

“Amigo 1: bem ganda estudio chavaló!

José: hahaha háaa pois é!! isto é pa homens!! nada de plug ins da tanga!!!
Hahahahaha

Amigo 2: oh yeah real men play vinyl and use analog gear - no glimmering cd's and pinkish vst plugins!

José: hahahahahah u know it brodarrrr!!!” (Facebook José)

Ou ainda na forma como, tendo recentemente adquirido um iphone (celular da mesma marca dos seus computadores e que permite uma sincronização com estes aparelhos), o utiliza não só de forma individual mas também partilhada pois este permite-lhe estar permanentemente conectado à internet, nomeadamente e mais uma vez ao Facebook, actualizando-se e trocando informação constantemente, muitas vezes publicando fotografias das suas actividades diárias em tempo real.

As suas rotinas são de facto pautadas pela utilização que faz destes dispositivos, a primeira coisa que faz quando se levanta de manhã é sentar-se em frente ao ecrã de um dos seus Mac e fazer a actualização dos seus emails e da sua página de Facebook e ao longo do dia utiliza várias vezes o seu celular para aceder à internet ou distrair-se com uma das aplicações que este suporta. Quanto a isto diz:

“Se fico muito tempo sem me actualizar através da internet sinto que as coisas me estão a passar ao lado, preciso de estar sempre a par do que se está a passar em relação à música. E depois também serve para me relaxar do stress diário da escola e trabalho, é o mesmo que com os meus discos, quando estou ocupado a pensar nas combinações que posso fazer entre eles deixo as preocupações de lado.” (Excerto de entrevista)

Parece então que o conjunto destes objectos e práticas por estes mediados, para além de constituírem (e se constituírem n)uma *estética* (no sentido em que Miller [2008], como já referido, a define) que ordena o mundo de José ou a sua identidade, podem ainda ser entendidos como perpetuadores desta mesma ordem, na medida em que funcionam como “descarregadores de ansiedade” pois de certa forma permitem fazer uma catarse da ansiedade produzida pelas imagens do futuro desejado, das satisfações profissionais ambicionadas; são símbolos desta busca constante, do projecto que José criou para si mesmo.

Para além disto os consumos quotidianos deste rapaz mostram ainda que a sua identidade não está fundamentalmente ancorada em pressupostos étnicos. Os seus amigos não são maioritariamente portugueses, ele não frequenta associações de emigrantes portugueses, não vê televisão portuguesa nem lê jornais portugueses e não come regularmente pratos típicos do seu país. Os motivos que gerem as suas sociabilidades parecem de outra ordem portanto, não relacionada com a sua nacionalidade. Quando lhe perguntamos se gostaria de voltar para Portugal num futuro próximo diz que talvez escolhesse primeiro Berlim ou Barcelona pois estas são cidades onde poderia continuar em contacto com as vanguardas da música electrónica.

No entanto parece-nos importante não anular completamente a importância desta pertença pois é evidente que ela continua em determinadas situações a ser activada, o contacto com amigos e família em Portugal é mantido (embora de forma não muito regular) e

existem situações pontuais de confraternização com amigos portugueses em Amesterdão e se conversam assuntos relacionados com o país. O que se pode afirmar é que esta não é estruturante das práticas quotidianas de José e parece estar relegada a um âmbito mais privado.

Este posicionamento em relação a Portugal contrasta com a imagem que José, mas também António têm do típico emigrante português e que parte das representações colectivas da sociedade portuguesa em relação aos seus emigrantes. No caso de António, segundo nos diz, já teve mesmo ocasião de encontrar exemplos deste estereótipo em Amesterdão. Quanto a isto tem a dizer em primeiro lugar que não se identifica nada com estas pessoas e que é um imigrante muito diferente destes:

“Eu sou um imigrante muito diferente porque eu não vim para Amesterdão para ganhar dinheiro, eu não vim para aqui para enriquecer ou para fugir ao problema de trabalho que tinha em Portugal, porque eu não tinha esse problema. Eu estava minimamente estável, tinha trabalho, tinha a minha própria casa, e continuo a ter. Mas começa a aperceber que ainda há muita gente que vem com essa mentalidade. Se fôres a sítios frequentados por portugueses, onde eu não vou frequentemente, mas já fui ver um jogo de futebol ou outro, vêes que a mentalidade dessas pessoas é completamente diferente. Eu não me sinto bem lá.”
(Excerto de entrevista)

António, tal como José, vive em Amesterdão há um ano e meio e, embora as razões que o motivaram a mudar-se para esta cidade sejam muito diferentes podem encontrar-se alguns paralelos na forma como os dois jovens entendem a sua experiência nesta cidade, nomeadamente na forma como esta lhes permite ter acesso a uma cultura e mentalidade diferentes. António saiu de Portugal para se curar de um desgosto de amor e aproveitou o facto de já ter alguns amigos a viver em Amesterdão para concretizar a sua vontade de ter uma experiência de vida internacional. Diz-se muito contente com a sua opção pois identifica-se com a forma como os holandeses são abertos e com a liberdade com que as pessoas vivem:

“Há muitas coisas que eu gostava de fazer ou dizer em Portugal, muitas roupas que eu gostava de vestir, e que não podia fazer porque estava em Portugal. E aqui eu faço, aqui

eu visto. Tu aqui podes ir na rua e ninguém olha para ti de cima abaixo, ninguém te vai criticar. Eu não gosto daquele tipo de pessoas que falam da vida alheia, ou porque cometes um erro e toda a gente sabe...” (Excerto de entrevista)

A mudança para Amesterdão significou para este jovem de 28 anos um crescimento pessoal que passou não só por um sentido de maior independência emocional, uma vez que se libertou de uma relação que o constrangia ou não o deixava expressar o seu eu em pleno, mas também um menor constrangimento social como o expressado na citação acima. A forma como se veste é muito importante para António e as alterações que diz ter feito no tipo de roupa que veste desde que saiu de Portugal são simbolo da maior liberdade que sente. Lá não se sentia à vontade para vestir cores mais garridas ou calças mais justas pois era rapidamente identificado como tendo tendências homossexuais e alvo de chacota que o deixava desconfortável. Agora, quando volta, embora continue a ter muita atenção ao tipo de peças que põe na mala de acordo com as situações que espera encontrar, gosta de acrescentar uma ou duas peças que sabe que irão chocar um pouco as pessoas pois pensa que desta forma talvez estas comecem a abrir um pouco a mentalidade.

Outro aspecto em que se sente mais à vontade e que identifica com a sua vivência em Amesterdão é o do consumo de cannabis. Já não se importa com o que as pessoas na sua cidade natal possam pensar acerca disto e fez questão de explicar à sua mãe, de forma desdramatizada, que o faz regularmente. Nos dias que tem livres, do seu emprego de cozinheiro num restaurante italiano, costuma ir a uma das suas coffeeshops favoritas onde fuma cannabis e aproveita para conhecer pessoas novas. Estas são geralmente turistas com quem frequentemente acaba por passar a tarde prontificando-se a mostrar alguns dos pontos mais interessantes da cidade. Esta oportunidade que a Amesterdão lhe dá, o inesperado do dia a dia é outra das coisas que aprecia e que considera uma mais valia por relação em Portugal:

“Em comparação com a Holanda, Portugal está esquisito, eu não sei explicar bem, mas agora quando vou lá torna-se monótono. As pessoas parecem muito paradas. Cada vez gosto mais de estar aqui, cada vez penso mais se voltar, um dia, será a opção certa. A última vez que lá fui, passado uns dias já estava farto de lá estar.” (Excerto de entrevista)

O seu grupo de amigos não se restringe a portugueses e confessa que quando sai à noite gosta de ir sozinho ou com outros amigos, que não os portugueses, de forma a poder conhecer pessoas novas mais facilmente:

“Eu acho até que me divirto menos, quando saio, com os meus amigos portugueses. Fico mais preso, mais contraído. Os meus amigos holandeses são loucos, muito mais desinibidos, e eu adoro dançar e com eles sinto-me mais à vontade.” (Excerto de entrevista)

Tal como para José, a música é muito importante para António e o facto de Amesterdão lhe proporcionar uma maior e mais variada oferta a este nível também é outra razão pela qual se sente bem ali. Nota-se no seu discurso, mas também na forma como publica fotos de concertos a que assistiu ou cópias dos bilhetes na sua página do Facebook, uma vontade de se identificar com os nomes de djs mais conhecidos da música electrónica alternativa e quando lhe peço para me falar disto demora-se a contar as diferentes vezes em que teve oportunidade de ir assistir às suas actuações. Outro dos seus hobbies, embora diga que o faz de forma muito informal, é a fotografia. Gostaria no entanto de desenvolver as suas capacidades fazendo cursos nesta área e tem até uma ideia para um projecto que consistiria em fazer retratos de pessoas das diferentes culturas que existem em Amesterdão.

Antonio descreve-se como uma pessoa muito sentimental, que dá muita atenção aos seus relacionamentos. Para este a amizade é um dos valores mais importantes e a forma como descreve a sua ligação a Portugal é através desta. Costuma comunicar frequentemente com os seus amigos em Portugal pois interessa-se pelo seu bem estar. Esta atenção às relações torna-se evidente na descrição que faz de um conjunto de objectos que o acompanham sempre que muda de casa:

“Eu tenho um ‘altar’ vá (risos), não é um altar... Como é que eu hei de explicar? Um dos meus melhores amigos em Portugal adora gatos e ele tinha um gato em barro que me deu quando eu vim para cá. Ele entregou-mo a chorar, porque nós somos mesmo como irmãos. A minha melhor amiga deu-me uma montagem com fotografias nossas e eu junto tudo, mais as fotografias da minha mãe e do meu pai, num lugar especial do meu quarto para sentir que eles estão sempre comigo.” (Excerto de entrevista)

Percebe-se como esta prática serve a António para se sentir mais seguro, como uma lembrança de que existem pessoas para quem ele é importante e que o acompanham mesmo que à distância.

Reflexões conclusivas

Como foi referido na introdução deste trabalho, este resulta de alguns dados recolhidos até ao momento estando dependente do seguimento da investigação a possibilidade de apresentar uma análise mais estruturada e conclusiva sobre as questões que aqui abordámos. De qualquer forma espero ter demonstrado que: a) na sua experiência enquanto migrantes, estes jovens fazem uso de imagens veiculadas e em relação com determinadas culturas de consumo contemporâneo; b) retiram significados e valorizações identitárias da apropriação de imagens e sentidos associados a estas culturas e aos espaços com estas identificados; c) constroem e dão sentido ao seu cosmos a partir das relações que desenvolvem com os objectos e com o mundo através destes.

Parece-me assim estar cumprido o meu objectivo principal que era o de salientar a importância de uma abordagem à cultura material e consumos, nomeadamente na área da migrações, na análise dos significados que os indivíduos retiram da sua relação com a materialidade e de como estes são estruturantes na construção das suas identidades e cosmologias. Com os exemplos de que aqui dei conta tentei demonstrar como as práticas decorrentes desta relação são importantes na definição dos percursos de vida e imaginários de futuro destes jovens migrantes propondo uma forma original de olhar para o fenómeno das migrações.

Bibliografia

APPADURAI, A. "Introduction: Commodities and the Politics of Value", *The Social Life of Things – Commodities and Cultural Perspective*, pp. 3-63, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

APPADURAI, A. "Modernity at Large", Minnesota: Minnesota University Press, 1996.

BARTH, F. "Introduction", in Barth, F. (ed.) (1969), *Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference*, Boston: Little, Brown and Company, pp. 9-38, 1969.

BAUMANN, G. "Contesting Culture. Discourses of identity in Multi-Ethnic London", Cambridge: Cambridge University Press, pp. 1-36, 1997.

BOURDIEU, P. "Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste", London: Routledge, 1984 [1979].

DOUGLAS, M. e ISHERWOOD, B. "The world of goods", Routledge: London, New York, 1979.

GILROY, P. "Jewels brought from bondage: black music and the politics of authenticity", in *The Black Atlantic*. Londres: Verso, 1993.

GRILLO, R.D. "Cultural Essentialism and Cultural Anxiety", *Anthropological Theory*, vol 3 (2), pp. 157-173, 2003.

HALL, S. "Cultural Identity and Diaspora" in Rutherford, J. (ed.), *Identity, Community, Difference*, Londres: Lawrence & Wishart, 1990.

MILLER, D. "Material Culture and Mass Consumption", Oxford: Blackwell, 1987.

MILLER, D. (ed.) "Anthropology and the individual: A material culture perspective", Oxford: Berg, 2009.

MILLER, D. "The comfort of things", Cambridge: Polity Press, 2008.

RAPPORT, N. e DAWSON, A. "Home and Movement: A Polemic", in Rapport, N., e Dawson, A. (eds.), *Migrants of Identity. Perceptions of Home in a World of Movement*, Oxford: Berg, pp. 19-38, 1998.

SASSATELLI, R. "Consumer Culture: History, Theory and Politics", London: Sage, 2007.

STRAW, W. "Communities and scenes in Popular Music", in Gelder, K. (ed.) *The Subcultures Reader*, London: Routledge, 1997.

CHATTERTON, P. e HOLLANDS, R. "Theorising Urban Playscapes: Producing, Regulating and Consuming Youthful Nightlife City Spaces". *Urban Studies Journal*. Vol. 39, No.1, 95-116, 2002.